

RESENHA DO TEXTO – O GÓTICO - *De Carlos Antônio Leite Brandão*

Por Fernanda Freitas de Oliveira Azevedo

No Capítulo I em que Brandão enfatiza o Gótico em sua trajetória histórica pode-se perceber que, após o despertar do mundo românico, a Europa da baixa Idade Média (das cruzadas até o século XV), conhecida como Europa das catedrais, experimentou excepcional apogeu cultural, político e econômico, cujo expoente artístico manifestou-se no florescimento do gótico, como relação de reciprocidade com o universo, onde o cosmos e algo de divino foram fontes de inspiração das edificações.

Embora durante muito tempo se tendesse a tratar o gótico – nome depreciativo que o Renascimento deu a esse estilo, por alusão a seu caráter bárbaro, "godo" – como uma contraposição ao românico, ele foi na realidade um aprofundamento dos elementos básicos do românico, particularmente de sua verticalidade. O termo designa um conjunto de manifestações artísticas desenvolvidas entre meados do século XII e início do XV – em alguns lugares, até o século XVI.

Tais manifestações foram possibilitadas pela evolução das técnicas de construção, com o aparecimento do arco ogival, por exemplo, e em consequência do surgimento de uma forma de vida e uma cultura urbana, dominadas pela burguesia e inferindo às edificações uma sensação orgânica e mística escolástica do espaço, que reflete no íntimo do espectador.

Com vistas no que autor procura passar por intermédio do contexto, é conveniente, antes de tudo ressaltar que a arquitetura é uma arte útil por excelência, sendo dentre todas as criações do homem, a que revela de maneira mais profunda a evolução das sociedades ao longo de sua história.

Segundo Payot, apud Brandão (1999) ao argumentar sobre a arte clássica medieval românico e bizantina e a semelhança das edificações com o cosmos e a criação do universo, relata que:

O templo representa o mundo; mas o mundo, inversamente, é construído como um templo. Aqui, o reenvio é recíproco (...) e o edifício como *arqui-tetura*, isto é, ordem simétrica, reenvia ao mundo como *modelo*, isto é, harmonia, proporcionalidade universal.

Para compreender a gênese da arquitetura, é conveniente atentar para três fatores determinantes: as possibilidades que em dado momento as técnicas e materiais propiciam; as

necessidades a que um edifício concreto atende; e as concepções artísticas predominantes. São, portanto, três elementos sincrônicos – técnico, social e estético – cuja inter-relação ao longo dos séculos marcou os diferentes períodos arquitetônicos. Seu estudo constitui a base do desenvolvimento histórico.

Todavia a forma gótica infere à arquitetura certa superioridade, segundo as prescrições divinas herdadas de concepções anteriores, como foi o caso da construção do Pantheon ou mesmo da Santa Sabina, dentre outras como ventila o autor.

Na verdade o sentido da disposição espacial das edificações medievais relevava ao indivíduo à condição de quase divino, tendo ruptura com a decadência do império romano. Se antes a elaboração espacial impunha a impressão de que os céus descia à terra, daí para frente, embora permanecesse essa idéia, a arquitetura proferia um outro sentimento: de que o homem é quem deveria elevar-se a Deus e à graça divina.

Nesse caso a elevação, isto é, a ascensão também era vista nas igrejas, nas suas formas globais, de cosmos onde o altar delinearia o centro da ascensão. O período impunha o foco para o interior das edificações.

Segundo a literatura e os próprios enciclopedistas, dos séculos que medeiam entre o fim do Império Romano e o aparecimento da arte românica restam edifícios religiosos, inspirados na tradição paleocristã e bizantina. Exemplos desta última são a capela Palatina, de Aquisgrana (atual Aachen, Alemanha), erigida por Carlos Magno em 805, conforme o modelo de planta octogonal, e a igreja de São Marcos, em Veneza, construída no século XI. (Britânica, 2000)

O mais comum, porém, foi o emprego da planta em cruz latina, devido fundamentalmente à necessidade de ampliar o corpo longitudinal da nave central para acolher comunidades cada vez mais numerosas de fiéis. Desta forma, as variantes regionais – arte carolíngia, arte otônica na Alemanha, arte visigótica e asturiana na Espanha – foram-se aproximando até chegarem, em torno de 1150, à formação de um estilo europeu de traços essencialmente comuns, o românico, cuja expansão se deveu sobretudo às ordens monásticas, com destaque para a de Cluny.

A designação "românica", emprestada à arquitetura desse período, remonta ao século XIX e é uma alusão ao retorno de certos elementos arquitetônicos romanos. Na realidade, o românico nada mais é que a culminação de um processo estrutural iniciado nas igrejas paleocristãs e que encontraria sua expressão máxima no gótico.

De modo geral, são vários os elementos que definem a arquitetura românica em suas origens: o emprego do arco semicircular; a substituição da cobertura plana da nave

central por uma abobadada, geralmente de meio canudo, isto é, semicilíndrica, sustentada por arcos semicirculares; a utilização de reforços; o predomínio da planta em cruz latina, com três ou cinco naves, e a subordinação dos ornamentos escultóricos e pictóricos ao conjunto arquitetônico. (Britânica, 2000)

O objetivo dessa estrutura era proporcionar crescente verticalidade às igrejas, de acordo com o sentimento espiritual da época. Para isso era preciso reduzir a espessura das paredes, descarregando as forças dinâmicas dos empuxos da abóbada sobre os contrafortes, os pilares e as colunas da nave central. Esse processo evoluiu para a abóbada de aresta, resultado da interseção de duas abóbadas de canudo, o que produzia um espaço quadrado demarcado por quatro arcos. Assim, as arestas compõem um xis na face inferior da abóbada, originando quatro zonas iguais, que recebem o nome de abas.

Tal sistema permite concentrar os empuxos em determinados pontos, o que não ocorre na abóbada de canudo, e constituiu a origem da abóbada de claustro, que era do tipo de aresta, com o acréscimo de duas nervuras – ou arcos ogivais – diagonais, que seguiam a linha das arestas. Essa abóbada constituiria a transição do românico para o gótico.

Em se tratando do gótico, dentro da ordem social e ideológica, ressalta-se que a formação das monarquias absolutistas e o clima religioso criado pela escolástica favoreciam a construção de edifícios mais altos, que refletissem os desejos de ascensão espiritual. Essa arquitetura representou uma autêntica revolução na técnica construtiva, com o emprego do arco ogival, resultante do encontro de dois arcos que se cortam e, ao se cruzarem, formam um ângulo no ponto mais alto.

Nesse aspecto, chega-se à arquitetura gótica, concretização de todo o anseio espiritual medieval, e a representação melhor elaborada das concepções que o homem do período desenvolvera a respeito de Deus, do mundo e de si mesmo.

A expressão gótica, traduziu e traduz a uma característica clássica da Idade Média, por reunir a longitudinalidade do Cristão Primitivo, a espiritualidade, misticidade e transcendência bizantinas e o estruturalismo, verticalidade e comunicabilidade urbana despontados nos Românticos, com proporcionalidade perfeita entre o nível interior e o superior.

Em oposição ao isolamento da abadia românica, a catedral, expressão arquitetônica mais típica do gótico, nasceu no centro das cidades. Para sua edificação contribuíram burgueses e artesãos, aqueles com o financiamento, estes com a arte e a técnica. Tratava-se, portanto, do resultado de um esforço coletivo numa sociedade em mudança, de tal

modo que, à medida que a riqueza da cidade crescia, aperfeiçoava-se a técnica construtiva e a decoração da catedral, que se convertia em símbolo de prestígio de seu próprio núcleo urbano.

Aplicando o arco ogival à abóbada de claustro, tanto nos quatro arcos que compõem cada vão da nave como nas diversas nervuras diagonais que unem tais arcos, constitui-se a abóbada ogival, típica do gótico e que, diferentemente da originária de arcos semicirculares, permite cobrir todo tipo de espaço. O peso das superfícies da abóbada era recolhido pelas nervuras, que por sua vez o transmitiam aos pilares ou colunas.

Todavia, uma outra característica gótica se manifestou pela pintura. Com a redução da extensão da parede nas igrejas, restringiu-se a pintura mural, que ficou relegada principalmente a salas capitulares das edificações. Em seu lugar, as igrejas góticas se encheram de vitrais, que transformaram os efeitos luminosos em jogos pictóricos. Os mais destacados estão nas catedrais francesas de Chartres e Notre-Dame de Paris, e na de León, na Espanha.

Também aumentou a produção de tapeçarias, que decoravam as paredes de palácios e casas senhoriais, e ganharam especial expansão a arte da miniatura e a pintura de cavalete sobre madeira, mais fácil de transportar e destinada à composição de retábulos.

Durante os séculos XIII e XIV, a pintura era linear, muito estilizada, de ritmo sinuoso e dominada pelo desenho e pela elegância formal. Pouco a pouco, a plenitude do românico cedeu lugar a figuras com algum sentido do volume, colocadas sobre fundos planos, quase sempre dourados, e, mais tarde, com certa sugestão de paisagem. Os temas pictóricos procediam das hagiografias, das Sagradas Escrituras e dos relatos cavaleirescos. Tal como sucedeu com a arquitetura e a escultura, esse primeiro estilo da pintura gótica também se originou na França, motivo pelo qual foi chamado franco-gótico. Suas melhores manifestações são vitrais e miniaturas.

Ainda com relação à estruturação construtiva e arquitetônica, concebe-se que o afilado dos arcos fazia com que o peso da abóbada exercesse empuxos não apenas verticais, como também laterais. Para absorvê-los, construíram-se grandes arcos externos dispostos perpendicularmente ao eixo da abóbada, os arcobotantes, que os distribuía pelos contrafortes.

Conseguia-se assim que do ponto mais elevado do edifício o peso se descarregasse progressivamente de um elemento de construção para o outro, até chegar ao solo. Além disso, sendo menor o espaço entre os pilares dos arcos, estes eram mais numerosos, com o que se multiplicavam os elementos de sustentação. A armação da igreja era

formada por uma sólida estrutura, com paredes mais leves e elementos decorativos, como vidraças ou vitrais, que conferiam peculiar iluminação à catedral gótica. (Britânica, 2000)

A planta, por sua vez, era de cruz latina, embora de maior complexidade. A divisão característica era em três naves – com a central mais larga e mais alta que as laterais – e outras tantas no cruzeiro, que se prolongavam por detrás da abside, para formar o corredor que a contornava. Uma rosácea – vitral circular –, rodeada por grandes torres, ornamentava a fachada principal. Eram também freqüentes entradas monumentais em ambos os extremos do cruzeiro.

À semelhança do românico, registraram-se no gótico variantes regionais, talvez menos evidentes. Aos poucos, a estrutura dos arcos e nervuras adquiriu maior complexidade. O gótico teve origem na França, embora não estivesse delimitado a uma região específica.

Diversos outros elementos se desenvolveram na Normandia e na Borgonha, nos mosteiros da ordem cisterciense, cuja grande abadia de Clairvaux foi reedificada no início do século XII. Mas sua cristalização ocorreu ao norte de Paris, na Île de France, com a reconstrução da abadia de Saint-Denis (1140-1144). Em 1163 teve início a construção da catedral de Notre-Dame (Nossa Senhora) de Paris e em meados do século XVIII já haviam sido edificadas, em sua estrutura básica, as grandes catedrais representativas: Amiens, Chartres e Reims. Posteriormente se desenvolveu o gótico flamejante (flamboyant), de tendência decorativa, que depois se estenderia para além das fronteiras da França. (Britânica, 2000)

Panofsky, apud Brandão (1999) referindo-se à arquitetura gótica e a filosofia escolástica, declarou que:

Em oposição a um simples paralelismo, essa conexão é uma autêntica relação de causa e efeito; em oposição a uma influência individual, essa relação de causa e efeito se instaura por difusão, mais do que por contato direto. Ela se instaura pela difusão do que se podeira nomear, na falta de melhor palavra, uma *babitudo mentale*, conferindo a este termo o seu sentido escolástico mais preciso de princípio que regula o ato.

Em relação à filosofia escolástica, ressalta-se ser esta o ensinamento teológico e filosófico aristotélico-tomista, ministrado em conventos e catedrais na Idade Média e do Renascimento.

Do ponto de vista filosófico a escolásticas propunha a resolução dos problemas como a relação entre a fé e a razão; desejo e pensamento; a oposição entre realismo e nominalismo e; a probabilidade da existência de Deus.

No que concerne aos elementos gerais, denota-se que a principal característica da arquitetura gótica é a verticalidade, que simboliza o desejo de espiritualidade, evidenciado nas torres vazadas e leves, na sóbria decoração dos portais, na elevação de grandes naves e na multiplicação dos elementos de sustentação externa das estruturas.

A verticalidade foi possibilitada pelas inovações técnicas, que consistiam em distribuir o peso das coberturas entre diversos elementos arquitetônicos, como arcos ogivais, pilares, contrafortes e arcobotantes externos. Assim, ao contrário do que sucedia nas igrejas românicas, as paredes quase não suportavam o peso das abóbadas, o que favoreceu a leveza das paredes góticas, às vezes quase inexistentes, vazadas por imensos janelões.

O processo de construção proporcionava um espaço interno de grande altura e luminosidade, quase sempre decorado com vitrais, que filtravam a luz e acentuavam a atmosfera de recolhimento dos fiéis.

Os dois elementos fundamentais da arquitetura gótica foram o arco ogival e a abóbada de ogivas entrecruzadas. O arco ogival, como já dito, formado pelo ângulo de dois arcos que se cortam, transmite as pressões das abóbadas para as laterais, ao contrário do que ocorre no arco de meio ponto, ou de berço, no qual as pressões incidem inteiramente na vertical e exigem paredes resistentes.

Com a evolução, do tempo, da espiritualidade e, mesmo da necessidade de evoluir a arquitetura da época, ressalta-se que a abóbada de ogivas entrecruzadas baseia-se no cruzamento de dois arcos ogivais, que formam quatro elementos triangulares, ou seções de abóbada. Cada vão quadrado de abóbada de ogivas cruzadas é delimitado por dois arcos de cinta, perpendiculares ao eixo maior da nave, e dois arcos formeiros, perpendiculares aos anteriores.

Com o tempo, a abóbada gótica evoluiu e apareceu a abóbada sexpartida, de forma retangular, mediante o acréscimo de um terceiro arco ogival, paralelo aos arcos de cinta. Mais tarde, esse tipo foi reforçado com nervuras suplementares, chamadas terciarões. No fim do gótico surgiram abóbadas complicadíssimas, com formas estreladas, de função mais decorativa que arquitetônica.

Os elementos sustentadores mais freqüentes já não eram as colunas cilíndricas, mas os pilares com colunetas, destinadas a suportar a pressão das diferentes nervuras das abóbadas. Por fim surgiram os contrafortes, situados do lado de fora do edifício, que recebiam os pesos das zonas superiores e permitiam paredes finas, apenas com finalidades de vedação, e assim possibilitavam a abertura de grandes janelas, para colocação dos vitrais.

BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. O Gótico. In: **A formação do homem moderno vista através da arquitetura**. 2.ed. Belo Horizonte: UFMG, 1999.